



JOSÉ MARIANO REBELO PIRES GAGO (1948 – 2015)

Apercebi-me do talento ímpar de José Mariano Gago (JMG) quando, vindo de Oxford, regresssei ao IST no início de 1970, era ele presidente da Associação de Estudantes. Dava-me gosto e esperança ouvi-lo nas RGA (Reuniões Gerais de Alunos). Admirava a sua coragem e eloquência e foi com ele que percebi que, na argumentação, razão e emoção são inseparáveis como duas variáveis conjugadas. Química e electrotecnia eram então universos disjuntos, mas aproximámo-nos quando ele me viu sentado na relva do jardim rodeado de dezenas de estudantes a dar uma aula de Complementos de Química-Física. (Era assim que sazonalmente eu e os meus alunos comemorávamos a chegada da Primavera.) Estava longe de prever o papel que JMG viria a desempenhar no desenvolvimento científico português, mas uma espécie de São João Baptista tinha surgido na pessoa do novo ministro da educação, José Veiga Simão (ex-reitor da Universidade de Lourenço Marques). Com as suas reformas de pendor anglo-saxónico, Veiga Simão ia paulatinamente libertando a universidade dos constrangimentos ancestrais: sangue novo na carreira docente, re-estruturação departamental, financiamento (por projecto) da investigação e respectiva internacionalização. Falta ainda o Messias. Completada a licenciatura, Mariano Gago emigrara para um doutoramento em Paris, seguido de investigação no CERN. Regressou a Portugal no final da década de 1970 e foi nomeado presidente da JNICT em 1986. A ciência portuguesa nunca mais seria a mesma. Ao contrário do José Régio do “Cântico Negro” (‘Não sei por onde vou, / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí!’), JMG sabia o que queria, desenhara a meta, mas não conhecia o ponto de partida. À rebours do pensamento vigente, aproveitou a Europalia ‘91 na Bélgica para caracterizar o estado da ciência em Portugal – uma iniciativa em que tive a honra de colaborar. (No ano anterior, JMG publicara o “Manifesto para a Ciência em Portugal”.) Como – o primeiro! – ministro da ciência e da tecnologia entre 1995 e 2002, e mais tarde ministro da ciência, tecnologia e ensino superior de 2005 a 2011, José Mariano Gago teve a oportunidade de implementar as suas políticas científicas e a felicidade de verificar que estavam certas. O notável crescimento científico de Portugal nas duas últimas décadas, tanto quantitativa como qualitativamente, em termos de formação, produção e avaliação, a isso atesta. Tem sido salientado o facto de ter exercido o mais longo mandato de ministro no Portugal democrático. Mais relevante é a afirmação de que foi indubitavelmente o político que mais

e melhor transformou o país. A comparação com Duarte Pacheco, feita recentemente por Peter Villax (presidente do CA da Hovione FarmaCiencia SA), é inteiramente justa. José Mariano Gago teve ainda o engenho e arte de espalhar a ciência por todas as partes de Portugal através desse brinquinho que é a ‘Ciência Viva’. A sua partida é uma tragédia para o país, ainda para mais amargurado com a vergonha em que se transformou a Fundação para a Ciência e a Tecnologia durante os últimos anos. *Errare humanum est, perseverare autem diabolicum*. Insistir no erro é que é diabólico. A melhor maneira de homenagear José Mariano Gago é continuar a sua obra e lutar contra os que a ignoram e/ou a desfazem.

Jorge Calado, Professor Emérito de Química-Física do IST

José Mariano Gago teve uma longa história de intervenção na sociedade, desde o tempo de estudante, nos últimos anos sessenta, em que dinamizou a actividade estudantil, em particular como presidente de Associação de Estudantes do IST. É dessa fase que tenho as primeiras recordações dele. Estivemos por vezes nas mesmas reuniões, como a abertura do Ano Internacional da Luz, no IST, em Setembro passado, mas nunca o cheguei a conhecer pessoalmente.

Tudo mudou muito nas últimas décadas. Entre os sectores que mais cresceu de forma visível em Portugal está a Ciência, graças à sua acção que impulsionou o crescimento e a qualidade, a visibilidade externa e a ligação à sociedade. Aqui deixo o meu reconhecimento!

Maria José Calhorda, Universidade de Lisboa, Presidente da SPQ

Portugal conheceu um enorme surto de desenvolvimento em ciência, nomeadamente a partir de 1995, quer no número de investigadores quer notoriamente na respectiva produção. Mudanças tão profundas num corpo social exigem um certo tempo; no caso português cerca de duas gerações. Há três nomes que julgo inquestionáveis nesta caminhada – Veiga Simão, Vítor Crespo, Mariano Gago – infelizmente falecidos no curto lapso de um ano. O primeiro pela cria-

ção de universidades com modelos bem diferentes das três universidades tradicionais e pelo lançamento de um ensino superior dual que quase soçobrou ao 25 de Abril. Vítor Crespo retoma o lançamento do ensino politécnico e legisla um conjunto de medidas em ordem a uma modernização da universidade portuguesa por padrões internacionais: introdução de unidades de crédito para conferir uma maior autonomia e flexibilidade pedagógica às instituições, a criação do grau de mestre, a organização de Faculdades e Escolas em Departamentos, o fomento da investigação científica com a carreira de investigação e a reformulação do INIC, o lançamento de um Conselho Nacional de Educação para zelar pelo desenvolvimento harmonioso, coerente e participado do ensino superior; a concessão de maior autonomia aos Estabelecimentos do ensino superior. Muitas destas medidas tiveram carácter facultativo, o que evitou as tradicionais resistências à mudança. Houve porém um limite à modernização do sistema universitário. Foram criados, também em regime facultativo, os Institutos Coordenadores de Estudos Graduados em todas as universidades, competindo a cada uma solicitar a sua entrada em funcionamento mediante a nomeação de um vice-reitor e de uma comissão instaladora. Nenhuma universidade veio solicitar o respectivo funcionamento!

Mariano Gago é presidente da JNICT e nessa qualidade lança, em 1987, o primeiro “Programa Mobilizador da Ciência e da Tecnologia”. Posteriormente ocupa o cargo de Ministro da Ciência e da Tecnologia de 1995 a 2002, e é Ministro da Ciência e do Ensino Superior de 2005 a 2011. Em palavras suas numa entrevista à *Análise Social* em 2011: «Em 1995, como se sabe, não assumi (em conjunto com a da ciência) a tutela do ensino superior, a qual teria de ter como objectivo, como teve a partir de 2005, a reforma de todo o sistema de ensino superior em Portugal. Nessa altura, a junção da ciência e tecnologia com o ensino superior, teria tornado praticamente impossível desenvolver uma política científica genuína em que se incluía como elemento fundamental a promoção da cultura científica e tecnológica, o ensino experimental das ciências e a aproximação entre os cientistas e as escolas.» Mariano Gago estava consciente da necessidade de se operar uma «ruptura científica em muitas escolas e departamentos universitários». Tal teria de ser operado a partir do exterior das universidades, do lado da ciência. Mas não tão afastado daquelas que se perdesse o estímulo do seu poder de renovação de gerações. O seu, e nosso, sucesso foi o da criação dos Laboratórios Associados que potenciou com fundos comunitários.

Concluo, com os últimos versos do poema *Remember* de Christina Georgina Rossetti:

*For if the darkness and corruption leave
A vestige of the thoughts that once I had,
Better by far you should forget and smile
Than you should remember and be sad.*

Sebastião Formosinho, Universidade de Coimbra

O Prof. Mariano Gago foi um dos poucos políticos da vida portuguesa no pós-25 de Abril que realmente conseguiu

transformar um setor da sociedade portuguesa, a tal ponto que atualmente é consensual que a grande esperança de prosperidade para Portugal passa pelo conhecimento avançado.

João Gabriel, Reitor da Universidade de Coimbra

José Mariano Gago foi o obreiro da reforma do sistema científico nacional. De forma determinada conseguiu, ao longo de mais de uma década, efetuar a modernização da Ciência em Portugal. A Ciência em Portugal, como a conhecemos hoje, com o seu grau de internacionalização, democratização – de que o projeto Ciência Viva e a avaliação internacional constituem bons exemplos – e impacto, está intimamente ligada à ação de Mariano Gago. Se há 25 anos atrás alguém perspetivasse qual a área em Portugal que mais custaria tirar do atraso de décadas (quicá secular) existente certamente a Ciência estaria no topo. Quando se fala em reformas estruturais da sociedade portuguesa (ainda) por efetuar, há uma que lá não figura: a da Ciência. Obra de Mariano Gago!

Um singelo e sincero obrigado de quem foi bolseiro JNICT (Programa Ciência).

João Sérgio Seixas de Melo, Universidade de Coimbra e SPQ

As investigadoras e investigadores do Centro de Investigação em Química do Algarve prestam por este meio singela homenagem ao Professor Mariano Gago, testemunhado que a maioria de nós foi um produto da sua visão para o desenvolvimento da ciência em Portugal, fomos quase todos bolseiros de programas por ele criados e ou geridos. Pudemos, sem que tivesse tido peso a nossa origem social e geográfica, completar os nossos estudos de doutoramento em laboratórios de Portugal, Espanha e Grã-Bretanha. Pudemos fixarmo-nos no Algarve retribuindo à comunidade o apoio que nos deu ao custear a nossa formação. Oxalá as novas gerações de investigadores ainda venham a ter a mesma oportunidade.

José António Moreira, Universidade do Algarve

Mariano Gago deixou-nos.

O Cientista que pôs a Ciência na agenda política e desenvolveu a ciência em Portugal, instituiu avaliações internacionais, tornou o país membro de grandes organizações europeias.

Um dos grandes homens de estado, único no pioneirismo, visão e sentido de servir e lutar pela comunidade científica, que é sem dúvida o motor do desenvolvimento de um país.

Abriu caminho ao emprego científico, projetos que não foram infelizmente continuados pela FCT e Universidades Portuguesas em geral.

Em suma, a Ciência Portuguesa não seria a mesma sem ele (embora atravessando há três anos um período muito difícil).

Os Laboratórios Associados (e a REQUIMTE que me está mais perto) muito lhe devem.

Para a memória do sistema.

Sem passado não haverá futuro...

José J. G. Moura, REQUIMTE-DQ-FCT-UNL

José Mariano Gago foi, além de um grande político, um grande Homem da ciência e do ensino superior em Portugal. Conseguiu afirmar a ciência a nível nacional e principalmente afirmar o seu reconhecimento a nível internacional. Mariano Gago fez uma grande aposta no desenvolvimento do ensino superior e da ciência como instrumento essencial para o futuro.

João Queiroz, Universidade da Beira Interior

A comunidade científica nacional reconhece José Mariano Gago como um dos seus mais brilhantes elementos, um vi-

sionário que sonhou e construiu o que é hoje um moderno sistema científico, já com visibilidade internacional. Ninguém esquece o papel fundamental do mestre na criação da “Ciência Viva”, uma agência ímpar ao nível europeu, que tem contribuído para o fomento de uma cultura científica para o cidadão, e para o aparecimento em Portugal de tantos jovens cientistas de elevado mérito.

Mas em Aveiro nunca esqueceremos o facto do José Mariano ter quebrado todos os preconceitos quando, no virar do século passado, resolveu considerar a proposta de criação de um Laboratório Associado na área da Ciência e Engenharia de Materiais onde alguns viam apenas uma universidade de província. Mais do que isso, aceitou de bom grado discutir este projecto com um jovem professor de 39 anos, fazendo-o com compreensão, rigor e sem qualquer soberberia. Criado o CICECO, e treze anos volvidos, somos hoje o maior laboratório nacional (380 pessoas) e um dos mais significativos institutos europeus na sua área de especialidade. José Mariano Gago nunca deixou de acompanhar a nossa actividade e várias vezes manifestou o seu apreço pelo caminho trilhado. Enquanto Director do CICECO, pude sempre contar com a sua amizade e o seu conselho esclarecido, mesmo nos últimos tempos (de cólera).

João Rocha, Universidade de Aveiro



ROBERT JOSEPH PATON WILLIAMS (1926 – 2015)

R. J. P. WILLIAMS E A QUÍMICA BIOINORGÂNICA: REFLEXOS EM PORTUGAL

O Professor R.J.P. Williams (Bob, como os seus discípulos e amigos o tratavam carinhosamente) faleceu a 21 de Março deste ano de 2015. Trata-se de uma grande Figura da Ciência Mundial, que deu uma marcante contribuição na área da Química Inorgânica e foi um dos fundadores da Química Bioinorgânica, que não deve ser esquecida, muito menos pelos químicos portugueses, que lhe devem a introdução desta área científica no nosso país. É este o motivo por que escrevo este texto em homenagem à sua memória e em nome dos vários alunos e discípulos portugueses que passaram pelo seu grupo de investigação no *Inorganic Chemistry Laboratory (ICL)* em Oxford. Come-

ço por me referir ao Professor J.J. Fraústo da Silva, colega do Bob nos anos 1950 no grupo do Professor Irving, e que posteriormente passou vários períodos no *Wadham College* colaborando com ele na escrita de quatro livros sobre Química Bioinorgânica que adoptaram conteúdos muito originais (Figura 1).

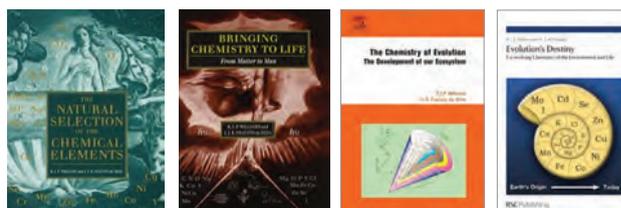


Figura 1 – Alguns livros sobre Química Bioinorgânica publicados por R.J.P. Williams, a maioria deles em colaboração com J.J. Fraústo da Silva